

GEOGRAFIA CULTURAL E GEÓGRAFOS CULTURALISTAS: UMA LEITURA FRANCESA¹

Maria Geralda de Almeida*

Introdução

A Geografia Cultural ainda é pouco divulgada ou tem poucos seguidores no Brasil apesar da mesma não ser recente. Uma explicação para tal fato pode ser sua abordagem essencialmente humanista.

Os humanistas² - aqueles que colocam o homem no centro de suas atenções - ainda não são expressivos no país. E é respaldando-se nesta corrente que a Geografia cultural tem se expandido na França, Inglaterra, Estados Unidos, etc.

Até os últimos vinte anos - e para uma boa parte até hoje - o homem, visto pelos geógrafos, poderia ser reagrupado em 3 tipos: *l'homo rationalis* ou *economicus*, *l'homo historicus* e *l'homo roboticus*³. Apesar das diferenças entre eles, prevaleceram algumas analogias fundamentais como: uma maior valorização do contexto social que do próprio homem e a irrelevância atribuída aos valores morais e afetivos, às alegrias, satisfações, experiências dolorosas, aspirações... Houve, então, a partir dos anos 70, uma crise destas leituras tradicionais devido à própria visão reducionista do homem e assistimos, atualmente, a busca de uma nova interpretação e ou conhecimento do homem.

*Professora do Departamento de Geografia da UFCE.

Os geógrafos que se preocupam com uma análise mais humana e mais rica do indivíduo e da sociedade, não se contentam de "estudar" o homem que apenas produz porém, aquele que demonstra sentimentos, que pensa, que cria... Toda divisão rígida entre o mundo objetivo (exterior) e o mundo subjetivo (interior) é rejeitada.

Nesta nova abordagem os geógrafos se interrogam sobre o corpo do homem, seu espírito, sua percepção do mundo e seu universo imaginário. Este homem é culturalmente definido pelo seu meio ecológico, sua educação, seu meio social, suas experiências, suas crenças dos modelos que ele aceitou ou escolheu.

Nesta perspectiva não existe um homem universal sendo nas nuances e nas diferenças culturais entre os homens que a Geografia, dita Cultural, faz o seu caminho, incluindo em seu universo o estudo das bases ecológicas e técnicas materiais das sociedades bem como das técnicas de organização social consideradas como alimentadoras destas diferenças.

Este texto não pretende ser definitivo. Seu objetivo é registrar o resultado de algumas leituras preliminares e discussões com geógrafos que se dedicam à Geografia Cultural na França. São as primeiras reflexões feitas sobre o tema, aqui expostas com o intuito de contribuir para ampliar o debate teórico sobre a Geografia.

Breve História da Geografia Cultural na França

Há muito tempo que os geógrafos franceses se debruçam sobre os fatos culturais. Jean BRUNHES e Vidal de LA BLACHE através da análise de "*genre de vie*", podem ser considerados como precursores. Jean Brunhes é o único, no início deste século, a se interessar efetivamente pelas dimensões culturais na Geografia, se inspirando sobretudo nos folcloristas, como muitos alemães na época. A paisagem é o elemento capital para sua análise.

Em 1939, HARDY⁴ publica o polêmico *La Géographie Psychologique* discutindo a psicologia dos gestos habituais nos lugares, nas paisagens e nos espaços; porém, foi Eric DARDEL⁵, em 1952, com *l'Homme et la terre, nature de la réalité géographique*, a dar uma atenção maior às intenções e sentimentos humanos para com os lugares e espaços e o primeiro a lançar as bases de um pensamento humanista na França. Convém salientar que o mesmo não era geógrafo.

Esta Geografia não teve seguidores; entretanto, nos anos sessenta, floresce o que viria a constituir-se a especificidade da geografia cultural

francesa: os estudos tropicais baseados nos contrastes e diversidades culturais. Neste sentido, a maior contribuição viria de Pierre GOUROU⁶, cuja originalidade consistiu em incluir os sistemas e técnicas de organização social no campo de análise cultural. Ele insistia que os contrastes na utilização da terra eram em função das desigualdades no arsenal das técnicas e utensílios a disposição de cada grupo; o controle/uso do espaço não dependia assim apenas dos meios materiais; porém, também, da habilidade com a qual os indivíduos sabem se reunir, cooperar e estabelecer comunidades.

A "técnica" de Gourou auxilia bastante na compreensão das sociedades da África, Ásia do sul e do sudeste e Pacífico. Porém, pouco no caso das sociedades da América do Sul, por serem mais ocidentalizadas.

Dentre os numerosos tropicalistas destacam-se Gilles SAUTTER (1966), Jean GALLAIS (1967) e Joel BONNEMAISON (1976)⁷. As sociedades analisadas eram diferentes do mundo rural francês, todavia, os métodos de Vidal de La Blache prestavam-se, geralmente, para os estudos das sociedades tropicais. A partir da análise do mapa de densidades, passava-se aquela dos "genre de vie" e de paisagens humanizadas: era a lógica da organização tradicional dos grupos que se evidenciava e que deveria ser interpretada.

Fugindo deste tema de análise das sociedades tropicais foi o estudo de Xavier de PLANHOL⁸ *Les fondements géographiques de l'histoire de l'Islam*, publicado em 1968, no qual ele analisa o peso das ideologias religiosas na valorização no mundo muçulmano, deste ou daquele gênero de vida. Até então somente Pierre DEFFONTAINES (1968) havia tentado abordar as religiões como fator de diversidade da organização social.

No final da década de sessenta se delineou uma nova corrente dando ênfase ao *espace vécu* - espaço vivido. Se bem que utilizasse a mesma linguagem dos humanistas anglofones e os mesmos objetos de pesquisa (espaço vivido, sentimento de pertencer, profundidade de paisagens, imagens dos lugares...) não se estabeleceu nenhuma ponte entre as duas escolas. Também, de uma forma clara, a escola francesa não adotou a abordagem fenomenológica existencialista.

Gallais e FREMONT⁹ foram os primeiros a esboçarem idéias sobre a valorização da experiência humana dos lugares, das paisagens e dos espaços, procurando redescobrir uma *géographie à visage humain*. É interessante ressaltar que, atualmente, Massimo Quaini - tentando outras leituras e formas de compreender o espaço - se baseia também na noção de *espace vécu* de Fremont, aplicando-a todavia à abordagem marxista humanista.

Na década de setenta as principais contribuições ao desenvolvimento da Geografia Cultural na França foram ainda de Armand FREMONT e Paul CLAVAL¹⁰ questionando o espaço vivido e o espaço percebido à nível técnico e metodológico.

Por volta de 1981, sob o patrocínio de *L'Espace Géographique*, em Paris, realizou-se um debate visando clarificar o "ponto de vista cultural em Geografia". O mesmo permitiu, principalmente um "mis au point" do estado de conhecimento e de indagação nesta área. "*Partir de ce que nous connaissons, des travaux qui nous paraissent contribuer à ce point de vue, et d'essayer, à partir de là, de nous faire, dans toute sa diversité, une image de cette tendance multiple à rejoindre ce que nous appelons les préoccupations culturelles, à essayer d'en discerner les richesses, ce qui mérite d'être approfondi, ce qui permet d'établir un pont avec d'autres disciplines.*"¹¹.

Era evidente que, mesmo não pretendendo normalizar uma Geografia Cultural havia, no entanto, a intenção de reunir num corpo mais ou menos coerente, as diversas abordagens dos fatos culturais feitas pelos geógrafos. Talvez, por isso, os debates tenham evidenciado uma preocupação maior com dois aspectos: definição de cultura e o significado de cultura nas ciências sociais e, em particular, na Geografia. Para uma boa parte dos participantes a definição de cultura era irrelevante e, por outro lado, o excesso de rigor e exatidão da definição riscava de enquadrar os trabalhos e, conseqüentemente, a disciplina.

Também, foi manifestado o receio, por Paul Claval, Gilles Sautter e Roger Brunet, de estarem criando uma Geografia Cultural fechando a priori a disciplina, petrificando e empobrecendo a mesma. Era uma questão de oficializar ou não porque, de fato, a disciplina já existia.

Tempos Atuais

Nestes últimos tempos, os geógrafos dos fatos culturais perderam gradativamente o interesse pelo exotismo dos países tropicais, a exceção de um núcleo da ORSTOM no qual se inclui Joël BONNEMAISON¹². Este, no ano de 1985/87 publicou bastante sobre a ilha de Tanna - "*La dernière île*" - pertencente ao arquipélago de Vanuatu, na Melanésia, local onde viveu vários anos.

Em *La dernière île*, Bonnemaïson teve, todavia, a originalidade de se guiar pelo simbolismo mágico-religioso, as idéias sobre o sagrado e o profano de Mírcea Eliade e busca compreender o povo de Tanna pelo caminho do mito

insular na concepção do mundo: "*Sur l'île, il n'y a quère de montagnes, de sources, de rochers à la forme quelque peu insolite, qui ne renvoient à un mythe et inversement pas de mythe qui n'entraîne sa propre géographie. Entre l'espace et la mythologie, les lieux et la culture, la simbiose est totale*" (p.160). Assim, os espaços de vida e aqueles das superstições, dos ritos e cultos são um único universo. E é através da mitologia da árvore e da "piroga" que se compreende as relações que os nativos estabelecem entre eles e a ilha. Decodificando os símbolos, do visível ou não, é o território que surge como reflexo dos valores subjetivos da cultura. Bonnemaison prioriza o território para análise cultural.

É importante também ressaltar que a abordagem de Bonnemaison coloca em evidência nos estudos geográficos uma perspectiva em voga nas ciências sociais: Tudo que tem significado para o homem deve ser levado em consideração, caso contrário poderá ter o risco de analisar parcialidade(s) do real. Além disso, não cabe às ciências (sociais) selecionar e definir, a priori, os elementos pela sua seriedade, pertinência ou valor. Tal julgamento somente poder ser feito a posteriori, à luz da interpretação dos elementos. Esta abordagem é da chamada *Ecole essayiste*.

Esta perspectiva gradualmente ganha adeptos e os geógrafos se aventuram em novos temas ou aqueles pouco explorados. Os geógrafos franceses observam seu próprio ambiente (ou paisagens da infância) como Jean-Robert PITTE¹³ falando da evolução histórica das diversas paisagens e dos homens, da região de castanheiras na França. Um estudo no qual não faltam referências ao imaginário, superstições e mitos em torno da árvore e do fruto utilizado para o célebre "crème de marrom".

Bernard KAYSER¹⁴, mais conhecido no Brasil como co-autor de *Geografia Ativa* nos surpreende com duas publicações "sui generis". A primeira, escrita em parceria com Renée Kayser - *L'Amour des Jardins* - e a outra - *L'Amour des maisons*. Em ambas é uma geografia afetiva que permeia. Kayser procura sem dúvida evidenciar a natureza de sentimento e das relações com os lugares que lhes são caros.

Para Jean-René VANNEY¹⁵ os fatos culturais devem ser resgatados na história e nas estórias também. Seu livro *Histoire des Mers Australes* passa das narrações de marinheiros, cientistas, pescadores e piratas as fantasias de infância até as histórias da descoberta e ocupação das terras austrais.

Observa-se nos últimos tempos, por parte dos geógrafos, um interesse renovado por Dardel que explora o universo científico concomitante com o universo dos sentidos, fazendo apelo ao imaginário. Imaginário e imaginação. Pouco a pouco estes termos introduzem-se no vocabulário dos geógrafos.

Estes (re)descobrem SANSOT, mas principalmente uma lição de sensibilidade de BACHELARD em *La poétique de l'espace, la terre et les rêveries du repos, L'Air et les songes - essai sur l'imagination du mouvement, L'Eau et les rêves - essai sur l'imagination de la matière, etc, etc.*¹⁶.

A produção teórica, todavia, tem se concentrado em poucos geógrafos. Dentre eles Roland BRETON, Michel CHEVALIER mas, principalmente, Paul CLAVAL¹⁷ e Augustin BERQUE.

Augustin BERQUE¹⁸ esteve muito tempo no Japão. Sua originalidade consiste assim em estabelecer uma ponte entre a cultura oriental (nipônica principalmente) e a cultural ocidental. Seu método proposto é uma mescla de positivismo e fenomenologia, se inspirando em Jean PIAGET, Gilbert DURAND e Edmundo HUSSERL respectivamente, associada à forte influência dos intelectuais japoneses, notadamente o filósofo WATSUJI. Desde 1976, através de suas publicações vem tentando familiarizar os franceses com o espaço e termos japoneses. Em seus textos a idéia central é a paisagem. Esta é definida como "*mode sensible de la relation mésologique*". E esta é entendida como a relação da sociedade com a natureza e com o espaço; é também uma noção trajectiva simultaneamente natural e cultural, coletiva e individual, subjetiva e objetiva, física e fenomenal, material e ideal, *chorétique et topique*. Sua preocupação o leva a propor novas leituras como da *trajectivité "une combinaison dynamique de deux ou plusieurs référentiels: subjectif/objectif, naturel/culture, collectif/individuel uel combinaison de la métaphore à la causalité, de la projection à la consécution, de la contingence à la détermination"*. Introduz uma abordagem diferente, isto é, da *Médiance "sens d'un milieu, i.e. d'une relation médiale ou mésologique"* - o meio é sinônimo de relação medial ou mesológica e Berque propõe uma nova concepção de natureza, isto que, no mundo "*n'a de sens ni par ni pour l'homme mais a un sens dans l'homme et autour de l'homme*", considerando a mesma um referencial imprescindível à cultura, que por sua vez encontra-se intimamente ligada à natureza sendo "*ce qui, par et pour l'homme, donne un sens au monde*". Quanto à nossa realidade Berque é breve e o "*revelant de nos pratiques, elle est trajective*" (1986, p.127-166).

É inegável o mérito da contribuição de Berque na inovação de um pensamento clássico vigente na geografia francesa. *Vivre l'espace au japon*, por exemplo, é considerado modelo de análise em Geografia Cultural.

Entretanto, na nossa opinião, sua análise de "paisagem" é desprovida de certos elementos importantes; é uma paisagem cuja produção passa completamente à margem de questões próprias das sociedades capitalistas. Não há uma referência sequer às instituições sociais, tensões, conflitos sociais,

por exemplo. Sua "paisagem" aparece pois esterilizada e com toda suavidade de uma pintura japonesa.

Por último, *last but not least*, cabe um destaque ao Laboratório "*Espace et Culture - Villes et Civilisations*". Em atividade desde 1981, pertence a U.E.R. de Géographie de l'Université de Paris-Sorbonne e, a partir de 1987, é também associado ao C.N.R.S. O Laboratório é, sobretudo, um espaço de confrontações se propondo a debater temas inéditos, pesquisas em andamento principalmente de jovens pesquisadores.

As pesquisas apresentadas reagrupam-se em 5 grandes temas: Problemas Fundamentais de Geografia Cultural; Espaço, Representações e Normas; As etnografias; Cultura e Espaço: aspectos concretos e estudos temáticos; Dinamismos culturais e transformações dos ambientes urbanos e redes urbanas e as áreas culturais.

Graças ao grande dinamismo de Paul CLAVAL (o coordenador) e à periodicidade de suas reuniões (mensal e às vezes quinzenal) o Laboratório nos parece ser, atualmente, o principal, senão o único núcleo vivificador e irradiador de um interesse maior pela Geografia Cultural na França estando nos seus planos o lançamento da revista *Géographies et cultures* para 1992.

É nesta perspectiva que o Laboratório juntamente com o Centre d'Etudes de Géographie Tropicale - CEGET, de Bordeaux, organizaram um Colóquio sobre "Ethnogéographies (8 a 10/10/1990). É o próprio Claval que explica as razões deste tema: "*le monde que nous étudions est façonné par l'action des hommes et se trouve ainsi marqué par leurs désirs, par leurs aspirations et par leurs conceptions. L'ethnogéographie est une démarche indispensable pour comprendre l'espace des hommes. En plus, la géographie que nous pratiquons et que nous croyons scientifique, n'est pas aussi universelle que nous l'imaginons. Il nous faut partir vers une conception plus critique de la géographie occidentale et vers de nouveaux horizons de recherche en géographie historique*"¹⁹.

Tendências e Perspectivas

A renovação da Geografia Cultural nos últimos tempos se faz em 3 grandes domínios²⁰: as investigações de bases ecológicas e técnicas materiais, técnicas e práticas da vida social: dimensões culturais da organização social e o domínio de valores; ideologias e orientações coletivas como fatores

geográficos. Analisando-os é possível imaginar as direções possíveis que existem para os avanços da disciplina.

Desde os anos cinquenta a Antropologia tem se dado conta da importância dos novos métodos de quantificação energética, da possibilidade de elaborar um balanço do que a natureza oferece e do que o homem sabe dominar ao contrário de se limitar a descrever o *genre de vie* e mencionar os diversos recursos explorados pela sociedade.

Com tal abordagem o propósito é de se servir da base quantitativa dos fundamentos ecológicos para medir os obstáculos que pesam realmente sobre as sociedades estudadas como, por exemplo, os períodos difíceis de recursos insuficientes ou faltosos, ameaçando a sobrevivência dos membros do grupo.

Num outro aspecto, a Geografia Cultural há muito tem manifestado curiosidade pelo inventário das técnicas do domínio de um dado grupo e as dificuldades sentidas em modificá-las. Isto se explica pelo fato de que uma civilização é, de certa forma, sustentada pelo meio que ela explora. Ela não pode modificar certos elementos sem assumir riscos importantes; enquanto que outros, secundários, alterados não chegam a ameaçar o conjunto. Pode-se substituir uma espécie cultivada por uma outra próxima. Igname por batata, por exemplo. Todavia, é muito mais difícil mudar um sistema de culturas tradicionais do sertão por culturas irrigadas sem levar em conta que é o equilíbrio psicológico do grupo que estará também comprometido.

A compreensão da relação recursos-técnicas cresce-se pois de novos elementos. Ela é também, uma questão de difusão de inovação. E neste sentido as teorias de difusão não devem ser negligenciadas.

Quanto o domínio das técnicas e práticas da vida social dimensões culturais da arquitetura social, vigora a abordagem proposta por P. Gourou acrescida das idéias de P. Claval sobre a organização institucionalizada da sociedade.

Para Paul Claval a análise deve ser em função da arquitetura social. O conjunto de relações que se estabelecem entre os homens e como elas se inscrevem no espaço determinando a localização respectiva bem como o comportamento dos atores é que definem a arquitetura do grupo social. Cada sociedade possui, assim, uma arquitetura social que permitiria compreender como o espaço social é estruturado considerando seus fundamentos políticos, econômicos e ideológicos.

As dimensões culturais dizem respeito à extensão de uma dada forma e ao conteúdo ideológico da arquitetura social. A dimensão, como tudo que é transmitido de geração em geração é um problema de difusão no espaço e no tempo. No caso do conteúdo ideológico, se as técnicas materiais evoluem

coagidas ou em função do meio ecológico, aquelas que têm impulso pela vida social portam sensivelmente a marca das preferências e dos valores dos grupos.

Atualmente, outra tendência é considerar o papel ambíguo dos meios de comunicação na transmissão das técnicas (materiais e da vida social). Se, pela difusão, os meios perpetuam a continuidade, por outro lado, permite também a assimilação das mesmas por sociedades até então culturalmente diversas. É um campo a ser investigado.

Por outro lado, uma perspectiva que se abre é de analisar, por exemplo, o papel do Estado como elemento de restrição/coação/ homogeneização das dimensões culturais. Exemplos padronização da alfabetização, da moradia pelos conjuntos habitacionais, imposição de culturas temperadas no sertão nordestino, etc.

No que diz respeito ao domínio de valores, ideologias e preferências coletivas só recentemente os geógrafos começaram a dedicarem-se ao mesmo. A busca de modelos do homem mais realistas fez com que as atenções se voltassem para os fatos não tangíveis, distantes da "paisagem" habitual dos geógrafos.

Para Olivier DOLFUS²¹ toda cultura se justifica por um ou vários projetos culturais que constituem sua finalidade. Para entender as relações entre a sociedade e seu projeto cultural se faz necessária uma análise da dinâmica dos sistemas culturais. Existe, em cada célula social, concepções gerais relativas à vida, à morte, ao além, ao mundo e aos grupos, ao indivíduo e à pessoa. Os membros desta coletividade os assimilam mais ou menos. "*La culture, prise dans son sens le plus profond, c'est donc cette vue ontologique sur l'existence que chaque groupe s'est battie*"²². Sem o projeto cultural é difícil caracterizar o grupo como sociedade.

Concluindo

A Geografia Cultural não se coloca contra as outras disciplinas geográficas. Seu objetivo é de ampliá-las e enriquecê-las em seus aspectos gerais. E é propondo em ir além das regularidades e banalidades superficiais de um país, ou território, que os geógrafos se interessam pela concepção do mundo, pelos valores e maneira que pensam e sonham seus habitantes e pela importância que estes atribuem aos diversos aspectos do ambiente nos quais eles vivem. Para aqueles que fazem a Geografia Cultural, o importante é perceber a realidade pela interpretação dos homens que nela vivem

cotidianamente, lembrando que o importante é também explicar como surgem os fatos sociais, as relações que os homens estabelecem entre si e com o território.

No *L'Espace Géographique* no. 3, 1987, p.191, aparece um anúncio inusitado. Ele convida aos geógrafos e "geógrafos paralelos" que tentam apreender e pensar o espaço - "o homem, sua relação ao mundo e às coisas da Terra" para se integrarem ao "Collège International de Géographie et de Géopoétique". Se juntar a quem já está nesta outra pista, pode ser uma outra perspectiva.

Aos geógrafos está feito mais um desafio.

Notas

¹A autora agradece à CAPES a concessão de uma bolsa de pós-doutorado, na França, no período de outubro de 1989 a agosto de 1990, quando efetuou a pesquisa necessária para este estudo. Comunicação feita no XX Encontro Nacional da AGB - Presidente Prudente - SP, 1992.

²TUAN, Yu-Fi (1976) em substituição à Fenomenologia, se referiu à uma corrente humanista. De fato, esta expressão é menos técnica e tem um sentido mais amplo. Nela conflui além da fenomenologia, o existencialismo e a hermenêutica. Também os Marxistas preferem falar de marxismo humanista (Massimo QUAINI - depoimento verbal). Ver: TUAN, Yu-Fi. "Humanistic Geography". *Annals, Association of American Geographers*, vol. 66, 1976. p.266-267; SANGUIN, André-Louis. "La Géographie humaniste ou l'approche phénoménologique des lieux, des paysages et des spaces". *Annales de Géographie*. Paris, 1981, 90, p.560-587; POCKOCK, Douglas. "La Géographie Humaniste" in BAILLY, A. et al. "Les Concepts de la géographie humaine, Paris, Masson, 1984, p.139-142; COSGROVE, Denis. "Historical considerations on humanism, historical materialism and geography", in KOBAYASHI, A. & MACKENZIE, S. (ed by). "Remaking Human Geography". Boston: Unwin Hyman, 1989. p.189-205; SAYER, Andrew. "On the dialogue between humanism and historical materialism in geography" in KOBAYASHI, Andrey & MACKENZIE, Suzanne (ed. by). "Remaking human geography". Boston: Unwin Hyman, 1989. p.206-226.

³Utilizamos a classificação proposta por CLAVAL, Paul: "Géographie Humaine et Economique Contemporaine". Paris, P.U.F., 1984, p.234-255.

- ⁴SANGUIN, A.L. Op.cit., p.574.
- ⁵DARDEL, Eric. "L'Homme et la terre, nature de la réalité géographique". Paris: P.U.F. Collection Nouvelle Encyclopédie Philosophique, 1952. 134p.
- ⁶GOUROU, Pierre. "Les paysans du delta tonkinois - Etude de géographie humaine". Paris: Editions d'Art et d'Histoire, 1936. 666p.; Id. "Pour une géographie humaine". Paris: Flammarion, 1983. 338p.; Id. "Leçons de géographie tropicale". Paris: Mouton, 1971. 323p.; Id. "Terres de bonne espérance: le monde tropical". Paris: Plon, 1982. 456p.
- ⁷SAUTTER, Gilles. "De l'Atlantique ou fleuve Congo - Une géographie de sous-peuplement". Paris: La Haye/Mouton, 1966. 2 vol., 1104p.; GALLAIS, Jean, 1967, 2 vol., 621p.; BONNEMAISON, Joel. "Tsarahonenana des riziculteurs de montagne dans l'Ankaratra". Atlas des structures agraires à Madagascar, no. 3, Paris: Orstron, 1976.
- ⁸PLANHOL, X. "Les fondements géographiques de l'histoire de l'Islam". Paris: Flammarion, 1968. 442p.
- ⁹FREMONT, Armand. "Les profondeurs des paysages géographiques", L'espace géographique, vol. 3, no. 2, p.127-136, 1974. Id. "La Région espace vécu". Paris: PUF, Collection de Géographie no. 19, 1976.
- ¹⁰FREMONT, A. Op.cit.; CLAVAL, Paul. "La Géographie et la perception de l'espace". L'espace géographique, vol. 3, no. 3, p.179-187, 1974.
- ¹¹Vários artigos, frutos destas discussões foram publicados no L'Espace Géographique no. 4, 1981.
- ¹²BONNEMAISON, J. "Les lieux de l'identité" Cahiers ORSTOM, Série Sciences Humaines, numéro spécial sur l'Anthropologie et l'Histoire, Les Editions de l'ORSTOM, 1985. Id. "L'arbre et la piroque". Paris: ORSTOM, Collection Travaux et Documents no. 21, 1986. Id. "La dernière île". Paris: Arlea-ORSTOM, 1986. 404p.

- ¹³PITTE, Jean-Robert. "Terres de Castanide - Hommes et Paysages du Châtaignier de l'antiquité à nos jours". Paris: Fayard, 1986.
- ¹⁴KAYSER, (Bernard et Renée). "L'Amour des jardins". Paris: Arléa, 1986.
KAYSER, B. "L'Amour des maisons". Paris: Arléa, 1987.
- ¹⁵VANNEY, J.-R. "Histoire des Mers Australes". Paris: Fayard, 1986.
- ¹⁶BRESSE, J.-M. "Lire Dardel aujourd'hui" - L'Espace Géographique no. 1, p.43-46, 1988. SANSOT, P. "Les formes sensibles de la vie sociale". Paris: P.U.F., 1986. BACHELARD, G. "La poétique de l'espace". Paris: P.U.F., 1957. Id. "La terre et les rêveries du repos". Paris: Libr. Corti, 1984. Id. "L'air et les songes - essai sur l'imagination du mouvement". Paris: Corti, 1943. Id. "L'eau et les rêves - essai sur l'imagination de la matière". Paris: Corti, 1940.
- ¹⁷BRETON, A. "La géographie face aux ethnies". Annales de Géographie no. 534 - XCVe année, mai-av. 1987, p.204-213; CHEVALIER, M. "Géographie et Paragéographies"- L'espace Géographique no. 1, p.5-17, 1986; CLAVAL, P. "La Géographie sociale et culturelle" in BAILLY, A. et al. "Les concepts de la géographie humaine". Paris: Masson, 1984. 204p. Id. "Du point de vue fonctionnaliste au point de vue culturel". L'Espace Géographique no. 2, p.90-96, 1986.
- ¹⁸BERQUE, A. "Le Japon - Gestion de l'espace et changement social". Paris: Flammarion, 1976; Id. "La rizière et la banquise - Colonisation et changement culturel à Hokkaidô". Paris: Publ. orientalistes de France, 1980. Id. "Raisonnement à plus d'un niveau: le point de vue culturel en géographie". L'Espace Géographique, no. 4, p.289-290, 1981. Id. "Vivre l'espace au Japon". Paris: P.U.F., 1982. Id. "Paysage empreinte, paysage matrice - Elements de problématique pour une géographie culturelle". L'Espace Géographique no. 1, 1984, p.33-34. Id. "Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique". L'Espace Géographique, XIV, 2, p.99-104, 1985. Id. "Le Sauvage et l'artifice - Les japonais devant la nature". Paris: Gallimard, 1986. Id. "Milieu et motivation paysagère". L'Espace Géographique, no. 4, p.241-250, 1987.
- ¹⁹"L'Espace Géographique". Op.cit. Citação da apresentação da revista.

- 20A principal inspiração e base desta reflexão se deve ao artigo de P. CLAVAL. "Histoire et Culture" do seu livro Géographie Humaine et Economique Contemporaine". Op.cit., p.265-296.
- 21DOLFUS, O. "Débat sur la géographie culturelle". L'Espace Géographique, no. 4, 1981. p.294.
- 22CLAVAL, P. "Géographie Humaine et Economique Contemporaine". Op.cit., p.292.